

Participação nos Programas de Formação para o Núcleo do Graal no Uganda e na Tanzânia

Narrativa subjetiva (Uganda e Tanzânia)

1º andamento

Terra vermelha, sempre a terra vermelha, desta vez a estação das chuvas, em que o calor vai subindo de intensidade até parecer que a terra não aguenta mais e o céu pesado como que “se dispara” em batedas de água, violentas, espessas, rápidas, inundando tudo, os caminhos de terra batida transformados em verdadeiros riachos. Depois tudo acalma, refresca sem ponta de humidade, a água penetra a terra rapidamente e é o verde que permanece, verde tenro e vivo, vegetação espessa, tudo a brotar da terra abençoada e fértil como uma mãe.

Esta viagem foi uma inspiração para mim – até o clima ajudou a melhorar as minhas artrites de estimulação... - e cada vez mais sinto que devo ter sangue africano porque me identifico e alimento com aquela imensa vitalidade, alegria, calor humano e solidariedade, tudo rente ao corpo e à terra...apesar de vidas tão duras. Infelizmente não há nada que aproxime estes dois países de um Estado Social: todos fazem pela vida, nomeadamente os mais pobres, pois não há segurança social, pensões de invalidez ou reforma, “subsídios”, etc... nem sequer habitação, saúde e escola para todos. Cada um faz o que pode e a comunidade é solidária: família, aldeia, bairro... – todos são “primos”, todos se entreadjudam, há sempre espaço para mais um poder comer do que há, dormir, estar... e fazer também por todos. Muitos, muitos jovens e crianças a interagir com adultos e sobretudo os velhos, essas figuras profundamente respeitadas na comunidade, cheias de experiência e informação, de cultura e sabedoria. São um sustentáculo.

2º andamento

Kampala é uma cidade profundamente desigual, o centro financeiro, diplomático e turístico (mesmo no meio da cidade, hotéis com campos de golfe privativos em vez de jardins públicos). Os pobres vão sendo empurrados para as periferias de uma cidade imensa, com as suas variadas entradas feitas mercados de rua ou pequeninas lojas em fileira sobre o solo em terra batida, esgotos ao ar livre onde debicam galinhas, e onde há de tudo: venda de roupas, produtos de 1ª necessidade e enlatados, peixe do lago Vitória e aves domésticas e, também, cabeleireiro, sapateiro, farmácia, bijuteria, venda de depósitos para recolher a água das chuvas, contentores em plástico para ir buscar a água, bacias para lavar a loiça ou a roupa, venda de capulanas, alimentos – fruta, a succulenta fruta e os legumes, dispostos artisticamente em pequenas pirâmides coloridas: papaias, mangas, bananas (que delícia as bananas cozinhadas em pequenos fogões a carvão ao longo da fileira de lojas!), ananases, melancias, maracujá, tangerinas de casca muito verde, e também outras frutas menos conhecidas por nós e igualmente saborosas – uma festa de sabores, cores e cheiros...; igualmente legumes e tubérculos: batata doce, gengibre, inhame e raiz de mandioca, *omulondo* (pequeno tubérculo que é substituto do café e traz energia); cana de açúcar para chupar; mas também milho e amendoim ou castanha caju,... e gente, gente, gente... Mais adiante na estrada, à medida que se sai da cidade, volta o verde espesso semeado de cubatas, na Tanzânia campos de papiro e simultaneamente platações de sisal sem fim – “não nos servem de nada” , afirma a Margarita Shirima do Graal, pois pertence tudo a multinacionais que compram a terra ao desbarato, escolhem alguns homens para fazer trabalho escravo porque praticamente está tudo mecanizado –. As cubatas são afastadas para longe da estrada, algumas em adobe vermelho, outras casas para habitação em tijolo bem artesanal, seco ao sol, e as respectivas machambas.

Já que falo em alimentação, saboreei a iguaria que são gafanhotos fritos (só se retiram as antenas), que sabem a camarãozinho frito e têm elevado índice de proteínas... a alimentação que nos espera no futuro. No Uganda, no centro do Graal em Kampala, faz-se vinho de tomate, de mel, ou mesmo de papaia... e come-se uma pasta de banana verde, cozinhada a vapor dentro das próprias folhas, em jeito de taça, acompanhadas de molhos deliciosos feitos à base de tomate e cebola. Sempre, muita,

muita fruta às refeições.

Em qualquer pedacinho de terra crescem bananeiras, tantas, bem cerradas entre si nas suas folhas franjadas: nos jardins dos centros do Graal em que permaneci, bordados a buxo estendem-se acácias com flores cor de laranja (uma espécie de mar de sol poente, nas estradas...), e *frangipani* uma árvore pequena (arbusto?) de flores brancas e delicadas com um cheiro doce e subtil... Lembro “A Varanda de Frangipani” do Mia Couto. Nos jardins de buxo muitas flores, as que conhecemos, típicas flores de verão, e as que não conhecemos, uma novidade misteriosa e colorida. Mais longe, sementeiras de milho, batata doce, cabras pastando preguiçosamente. Acordar ao som de trinados de pássaros, variados e novos para mim: o *stak*, grande, bico comprido avermelhado, com um “trinado” que não é trinado mas uma espécie de grasnar antipático. Mas outros, com cores magníficas, por exemplo o *marabu* e o *íbis*.

3º andamento

O Graal nestes dois países é sinal de futuro enraizado em centros completamente auto-sustentados que irradiam compromisso com os que mais precisam, nomeada/ na educação de mulheres. Criação de emprego, serviços básicos – . No centro do Graal em Kesikibaha, - um vale verde fértil em terra vermelho-ocre, enquadrado por montes verdes e graníticos há uma loja de produtos de primeira necessidade, um moinho para fazer farinha de milho e um mini-centro de primeiros socorros – tudo aberto à população circundante.

Os centros do Graal em Kampala são um oásis de verde em terra vermelha, construções perfeitamente auto-sustentadas, enormes depósitos para recolher a água das chuvas, biogás, terra plantada com aquilo que é necessário para a alimentação. Simultaneamente criam empregos para a população local. Uma vida ao jeito das primeiras comunidades cristãs em que a vida em comunidade, a partilha de bens e de trabalho, são associadas a uma centralidade da vida espiritual. Em Kesikibaha faz-se formação de um numeroso grupo de meninas jovens, combinando o trabalho doméstico, cozinhados de alimentação frugal e saudável, cuidar da terra e do jardim, dos animais domésticos, conjuntamente com formação em educação básica, suwali e inglês, problemática das mulheres, arte e música (está-lhes na massa do sangue), questões religiosas, práticas de espiritualidade: missa diária, ritmos litúrgicos e liturgia das horas. Nenhuma sai do centro sem uma formação técnico-profissional e, as que tiverem o perfil adequado, são encaminhadas para o ensino médio ou superior. No centro do Graal em Kampala existe um curso de formação média com um acordo com a Universidade de Kampala.

O Graal nestes dois países é mesmo testemunho do Evangelho e sinal de futuro. Os centros completamente auto-sustentados e acolhedores, com salas de aula, capela, cozinha e grandes salas de jantar onde também *se está*, que irradiam compromisso com os que mais precisam, nomeada/ na educação de mulheres e na criação de empregos locais. Em Kesikibaha faz-se um trabalho absolutamente notável com as meninas Masai através de um centro integrado onde recebem cuidados e educação, se responsabilizam pelas mais novas, experimentam o respeito pela sua cultura, ao mesmo tempo que vão à escola local. Apenas um membro do Graal a cuidar delas, a Feliciano, que adora o trabalho que faz: tirou um curso sobre pedagogia Montessori e fabricou os materiais e brinquedos destinados às crianças. Um dormitório colectivo onde todas dormem (a mais nova com quatro anos de idade) mas onde cada uma tem uma caixa ou mala pessoal com os seus haveres e pertences. A Feliciano dorme na primeira cama à entrada do dormitório e tem um escritório mínimo mas confortável, onde faz café ou chá, aquece a sua comida e guarda registos. Numa das salas de actividades comem as crianças ajudando-se umas às outras. Os pais também são abrangidos nesta ação comunitária que evita que as meninas sejam dadas precocemente em casamento e as protege, simultaneamente, da mutilação genital. É a Honorata Mvungi, conhecida de algumas de nós, que faz o trabalho de campo de contacto com as famílias, convencendo-as a confiar as meninas ao Graal. Vão para casa nas férias escolares. Assisti a um imponente pai, um homem magnífico e belo, com a sua túnica de masai colorida, em tons de azul (ou vermelho), os enfeites tradicionais nos braços e o seu cajado, a ir buscar a filhinha para as férias de Natal. Viajou numa motorizada com o respectivo condutor – são os táxis daqueles dois países, que permitem uma deslocação rápida entre aldeias isoladas ou no frenesim do tráfego nas grandes cidades (transportam tudo: adultos, velhos ou

crianças, com grandes sacos de compras, ou mesmo galinhas e cestos). No compromisso de uma das jovens do Graal que é enfermeira num centro de saúde Masai, veio toda a comunidade nas suas vestes tradicionais (os homens cobertos dos típicos enfeites no pescoço e braços, em metal imitando prata, com colares de missangas entrançadas em redondo), as mães muito gastas e precocemente envelhecidas por gravidezes sucessivas, com os filhos às costas, gordinhos e confortáveis... todos a aproximarem-se da comunhão...lindo! Mais tarde vi que os homens tinham bolsinhas à cintura com...o respectivo telemóvel! Uma graça, mas também um poder que lhes é dado de comunicarem – coisa que a ausência de eletricidade nunca lhes permitiu.

4º andamento

“Típicos desastres de Sofia”: fui mordida por uma tal de “mosca de Nairobi”, uma espécie de escaravelho com asas, que afinal não morde, desliza, deixando um gel que irrita a pele, provoca eczema e vai secando lentamente (já passou, espero que não deixe marcas). Diria que são “ossos do ofício” de quem sai de casa e se mete à aventura... Ao comer uma asa de frango frita caiu-me um dente. Mesmo desdentada - e o dente-pivot guardado num saquinho até chegar ao meu dentista português que se riu... e o recolocou no sítio -, esquecia-me e ria às gargalhadas saborosas na certeza de que aquele incidente não me ia retirar o bom-humor e o prazer de rir. Um típico incidente digestivo pôs-me um dia de cama, enfraquecida, a pensar alto olhando para o teto e alimentando-me de arroz branco. Nada que não se “concertasse”.

As belas imagens de Nossa Senhora de Fátima que oferecemos em nome do Graal a estes dois países, foram transportadas praticamente ao colo todo o tempo pela Sónia e por mim ao longo da longuíssima viagem entre aeroportos. Chegaram inteiras... a alegria das mulheres do Graal ao abrirem o presente valeu todo o nosso esforço e cansaço. Foi, para nós, uma verdadeira “peregrinação” de Fátima ao Uganda e Tanzânia, transportando uma “Nossa Senhora peregrina” ao ombro e ao colo bem acondicionada nos nossos sacos.

O texto da minha apresentação foi muito bem aceite, apesar de muitas das graálicas mulheres se situarem num polo bastante mais tradicional. Mas houve respeito e escuta. Sublinho: uma inspiração e uma lição de vida e de tolerância! E as orações que preparei (duas, claro, foram sobre Teresa de Ávila) também foram bem acolhidas e trouxeram densidade ao ritmo de cada dia... As intervenções da Maria Carlos foram absolutamente excepcionais. Estão gravadas no meu telemóvel... à espera de ouvintes e de orientações futuras.

Fizemos uma visita ao santuário dos mártires do Uganda (em Namugongo) onde, no início do século XIX, foram torturados das formas mais infames um conjunto de cristãos (católicos e protestantes) que trabalhavam para o rei Kabake Mwanga, então rei do reino do Buganda. Recusaram-se a renegar Cristo. À volta do recinto – que se está a transformar num verdadeiro local de peregrinação ao jeito de Fátima ou Lourdes, uma espécie de grutas quais verdadeiras vias-sacras, com uma figuração de cada santo pintada na parede. Descobri que Santo Andrea era o patrono dos catequistas e dos professores. Fui pensando em que medida no meu quotidiano também nego a Cristo Jesus? O que é então dar testemunho? A escrita, que amo, também poderá ser uma forma de dar testemunho?

De regresso a Kampala viajei ao lado da Jennifer do Quénia. Ela é professora, acorda todas as manhãs com um poema/oração a emergir dos seus lábios, cada dia seu poema e que grava...no telemóvel: mais tarde faz a música. Afirmou que não sabe uma nota de música mas que é a sua forma de louvar a Deus. Ofereci-lhe uma das minhas canetas de estimacão que levava na mochila e pedi-lhe que os escrevesse e fosse divulgando: imagino que os escreva em swihili.

Na Tanzânia pude visitar a belíssima escola secundária de Teresa de Ávila com o Kilimanjaro ao fundo. Considerada uma das 15 melhores escolas secundárias da Tanzânia funciona em regime de internato. As jovens, além das aulas regulares fazem trabalho na horta e no jardim que garante as refeições diárias. E, sempre, sempre, galinheiros plenos de aves domésticas. Nem sempre conseguem ter um bom equilíbrio entre famílias que podem pagar e famílias que não podem pagar as propinas, mas esse é o objetivo final, afirmaram as responsáveis. Visitámos outras três equipas do Graal que vivem na área: uma equipa que gere um centro de saúde; outra que apoia um centro comunitário, e uma

residência para as do Graal que trabalham na escola secundária.

Finale

As duas festas de Compromisso do Núcleo em que participámos foram momentos altos e intensos. Longas – havia todo o tempo! -, cantadas e dançadas, liturgia riquíssima, ritualizada e ajustada à cultura, muitas palmas e tri-tris, tudo muito belo! Vozes místicas ao jeito do canto ortodoxo. No Uganda deslocámo-nos para outro centro do Graal e, sob tendas montadas amplamente, assistimos à missa. Além de todas as participantes do Graal, as famílias vestidas com trajes de festa e os “primos”, isto é, toda a comunidade a que a família pertence. Algumas crianças, o que foi encantador. A Regina Bashaasha, enquanto “mestre de cerimónias” esteve em seu pleno. Animação depois do almoço volante com grupos locais de dança e verdadeiras acrobacias ao som de música e tambores, claro.

Na Tanzânia, o número elevado de compromissos fez aumentar a assistência. Uma chuva forte fez com que as pessoas se abrigassem nas largas tendas. Uma missa presidida por todos os padres da região e um bispo. Algumas religiosas amigas do Graal; as famílias, os “primos”, as pessoas implicadas no trabalho que as várias jovens vão fazendo na comunidade. Presentes, muitos presentes: muitos objetos domésticos (até uma bilha de gás!) para que as jovens mulheres vão bem equipadas para a missão que as espera. No final as pessoas presentes foram chamadas ao palco para provarem e ritualizarem o momento através de um cabrito assado no churrasco.

Antes de apanhar o avião de regresso no aeroporto do Kilimanjaro fomos visitar a Imelda Garwa na casa onde vive com outras, perto de Moshi. Com a tradicional hospitalidade ofereceram-nos almoço. A Imelda mais envelhecida mas sempre arguta, inteligente e atenta, dotada de uma memória espantosa, lembrava-se do meu nome... e há tantos anos que não nos víamos! Conversou muito connosco, inquiriu sobre o que fazemos... mas tinha um objetivo claro: demonstrar a especificidade do Graal na Tanzânia e afirmar respeito que deve merecer no Graal Internacional. Pela minha parte, parece-me que sim, que merece: um Graal que é um exemplo da Missão e da Visão que nos inspiram e guiam.

Tantos nomes que dançam nos meus ouvidos: pessoas, lugares, tempos e alimentos, objetos e palavras, orações em swahili. Como diz um antropólogo americano: “deixa que os nomes te persigam”. Assim tenho vivido estas últimas semanas. Assim eu não deixo que tudo se esvazie na desmemória dos dias...

O texto orientador de todo o programa foi de Mt 13, 45-46: “O reino dos céus é semelhante ao mercador que busca as mais perfeitas pérolas e que, ao encontrar uma pérola de grande valor, foi, vendeu todas as pérolas que tinha e comprou essa pérola”. Quero pensar que toquei num pequenino ponto dessa pérola que busco e buscarei sempre. Por conseguinte, dou graças por estas três semanas e pelo acolhimento do Graal no Uganda e na Tanzânia.